

Código de identificação do ficheiro: FIG01-N	
Localidade: Assanhas (Figueiró da Serra) Distrito: Guarda	Concelho: Celorico da Beira Data: 1997
Informante1: Arnaldina Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade: Nunca foi à escola
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 05 lado: B min: 338-380	Inquiridor2: João Saramago
Tipo de texto: Interactivo	Assunto: Ervas, arbustos e flores
Tipo de transcrição: Normalizada	
Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira	Data da primeira transcrição: Nov.01
Autor da revisão final: Maria Lobo/ Ana Maria Martins	Data da revisão final: Jul.02
CD nº: 14 faixa: 01	

INF Olhe, isto aqui chamam

INQ1 Isto é funcho cá para mim. Não.

INF – oh, meu Deus – 'arrejevento'.

INQ1 Como?

INF Isto aqui é...

INQ1 'Arrejevento'?

INF Ai, que agora esqueceu-me. Olhe, aqui estão malvas. Olhe, aqui tenho malvas.

INQ1 Malvas?

INF Olhe, aqui (...) são malvas secas, que é (...) para lavagens, porque fazem bem à inflamações.

INQ1 Inflamações, sim senhor.

INF É. Olhe, estes são malvas. E aqui, tenho outra coisa. Chamam 'bombarões'. Tenho cá outra coisa, que chamam 'bombarões', que é para o inchaço. Olhe!

INQ1 Hum, que cheirinho! Cheira muito bem.

INF Isto faz bem (...)... Quando a gente tem um inchaço numa perna, coze isto e lava-se (...) com a água disto, faz bem ao inchaço. Olhe, eu tenho aqui os chás.

INQ1 Então é o mesmo, mais ou menos para o mesmo que as malvas?

INF É. É, é. Pode-se cozer até tudo junto. E este, este é igual a este. Mas agora eu tenho um aqui...

INQ1 Ah! Mas eu já sei o que é isto!

INF Sabe? Eu agora é que não me vem à ideia...

INQ1 Olhe, lá para baixo chamam, chamam-lhe funcho.

INF Fazemos chá disto, que faz bem. Hã? Funcho? Ah, pois é.

INQ1 É isso também, aqui?

INF É. É o funcho. Pois eu agora estava equivocada. É. É o funcho. Olhe, eu tenho-o aqui (...) neste jardinzinho. E depois têm cá vindo as minhas sobrinhas quando é no mês de Agosto, e gostam de levar dos chás que eu cá tenho.

INQ1 Claro. Claro.

INQ2 Faz bem.

INF (...) Que elas (...) lá (...) não têm.

INQ1 E ainda tem ali outra erva também... Lá ao fundo...

INQ2 Eu, essa, eu mostro-lhe só. Não vale a pena...

INF Ora mostre-me cá, faça favor. Ai! Esse, tenho muito disso. É (...) a erva-cidreira. Olhe, isto é erva-cidreira, que também é boa para chás.

INQ1 Sim senhora.

INF Também é boa para chás! (...) E eu, depois, apanho (eu) isso tudo dia de São Pedro, que, quando vêm as minhas sobrinhas agora quando é no mês de Agosto, todas vêm cá para lhe eu dar cházinho. Que dizem que dia de São Pedro que fica os cházinhas bentos. (...) Dia de São Pedro, que está (...) todo o dia a água benta. Diziam assim. E que era bom apanhar os chás dia de São Pedro.

INQ1 Sim senhora. Nunca tinha ouvido dizer.

INF Olhe, pois eu... Olhe, tenho aqui. É como digo. Olhe, e ainda aí tenho outro chá, chamam (o) chá da horta.

INQ1 Chá da horta!

INF Que até o tenho aqui, olhe. Até o tenho aqui. Tenho-o lá em seco, mas tenho-o aqui. Olhe, este é o chá da horta que faz bem (...) aos estômagos. Quando a gente está aflita do estômago... Olhe, o meu marido,

INQ1 Ah, isto... Isto não conheço, não conheço.

INF o meu marido que Deus haja...

INQ2 Parece uma folha quase..., maior do que a salsa?

INF Hã?

INQ2 Mas parecida com a salsa...

INQ1 Mas parece... É parecido... É um bocadinho parecido...

INF É. É parecido com a salsa mas não é.

INQ2 Mas maior do que a salsa, mais rasteiro...

INQ1 Mas não dá flor?

INF Hã?

INQ1 Não dá flor ou dá?

INF (Não). Deita. Ainda deita assim uma florzinha (...)

INQ1 Ai é?

INF quando é (...) na Primavera.

INQ1 Olhe, veja lá senhora Arnaldina, isto aqui...

INF Olhe, isto aqui...

INQ1 Eu apanhei... Apanhei aqui no seu, aqui no chão, aqui fora...

INF Pois isto aqui (é)... Chamamos aqui isto como é que é? Chamamos erva-férrea, que era para quando a gente tem um golpe e depois apanhava esta folhinha e punha-a de cima. (...)

INQ1 Erva-férrea?

INF (...) Chamávamos erva-férrea.

INQ1 E dá assim uma florzinha roxa?

INF É, é. É, é.

INQ1 É aquilo que lá se chama a soagem.

INF É.

INQ2 É a soagem.

INQ1 Aqui não há nada que lhe chamem a soagem?

INF 'Sovagem'...

INQ1 Soagem.

INF 'Sovagens'?

INQ1 Sim. Não há nada?

INF Há muito. Há cá muitas, há, 'sovagens'. É o que mais para aí há.

INQ1 Mas não é parecido com isto?

INF Hum... (...)

INQ1 Não?

INF A 'sovagem' é quase parecida, é. É, é quase parecida.

INQ1 Mas não, mas não é esta? É erva-férrea?

INF É. Essa, chamam (a) erva-férrea.

INQ1 Sim senhor.

INF É. E este é que era o chá da horta, que faz bem aos estômagos, olhe.

Código de identificação do ficheiro: FIG02-N	
Localidade: Assanhas (Figueiró da Serra) Distrito: Guarda	Concelho: Celorico da Beira Data: 1997
Informante1: Arnaldina Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade: Nunca foi à escola
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 05 lado: A min: 385-410	Inquiridor2: João Saramago
Tipo de texto: Interactivo	Assunto: Ervas, arbustos e flores
Tipo de transcrição: Normalizada	
Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira	Data da primeira transcrição: Nov.01
Autor da revisão final: Maria Lobo/ Ana Maria Martins	Data da revisão final: Jul.02
CD nº: 14 faixa: 02	

INF Esta chamamos o chá da horta. (...)

INQ1 Chá da horta, que é bom para várias coisas também.

INF É. (...) Faz bem aos estômagos este chá também.

INQ1 Ó senhora Arnaldina, e como é que chama a isto onde tem a...

INF Olhe, é um crivo. (...) Era por onde crivávamos as papas.

INQ1 As papas? O que eram as papas?

INF As papas? Era o milho.

INQ1 Ah!

INF Mandávamos moer às moleiras, que a gente gostava muito (...) das papas, cá em tempo. (...) E depois quando vinham da moleira, crivávamos por este crivo, ficavam aqui as carolas mais grossas. E as papas, caíam... As miudinhas caíam aqui para baixo, (...) era o que a gente fazia com o leite.

INQ1 Como é que se faziam? Ai, com leite.

INF Com leite (...) Púnhamos leite de cabras e de ovelhas. E depois fazíamos aquelas caldeirinhas de papas; às vezes até lhe deitávamos arroz; assim juntas com arroz e com o leite ficavam... Oh, havia gente que gostava mais das papas (do que é) /ca\ com o arroz só.

INQ1 Sim senhor.

INF Olhe. Olhe, vê, este era uma dorna que também tínhamos de vinho.

INQ1 Era uma quê?

INF Uma dorna. Chamávamos isto uma dorna.

INQ1 Mas, mas era uma dorna porquê? Porque era aberta?...

INF Era (...) onde pisávamos o vinho,

INQ1 Ah!

INF em primeira, quando tínhamos menos. (...) Agora, depois, arranjaram a... Tenho um... Até ali tenho um pio aonde lá pisávamos o vinho.

INQ1 Sim senhora.

INF Depois (...) um filho meu ainda aqui teve uma taberna

INQ1 Ah, pois.

INF e um café. Depois – olhe – agora está tudo abandonado. (Eles) abalaram.

INQ1 Então e aquilo ali o que era? Aquelas madei-, aquelas...

INF Aquilo era onde botavam as mercearias.

INQ1 Ah, está bem!

INF Olhe, ainda lá está.

INQ1 Não é do tempo do, de que apanhavam centeio e isso, não? Não é desse tempo aquilo? É da mercearia, já?

INF Ai! Do centeio? Tínhamos ali um arcaz muito grande de cem alqueires! (...)

INQ1 Ah, pronto, era isso! Era um arcaz.

INF Era. Eram. Chamávamos-lhe um arcaz.

INQ1 É que eu pensei que aquilo era um arcaz. Pensei que aquilo era...

INF É, é. Aquilo é... Fizeram-no era para lá deitarem arroz e açúcar

INQ1 Pois, pois.

INF e massa. Quando cá tínhamos...

INQ1 Olhe, o João está ali a pôr uma data de ervinhas...

INQ2 Espera, deixa estar que eu vou aí.

INQ1 Ai, não queres que pergunte?

INQ2 Não, está bem. Mas é que depois... É que depois eu, eu queria-lhe, não, não queria mostrar isso tudo para ver se a coisa, para ela fazer a distinção.

INF Olhe, isto, isto chamávamos-lhe (...) as sarralhas.

INQ1 Sarralhas?

INQ2 Que são aquelas...

INF Sarralhas.

INQ2 Que são ocas...

INF É. É, é.

INQ1 É o 'pissenlit'.

INQ2 Não são tão carnudas.

INF A isto chamávamos sarralhas.

INQ1 É o 'pissenlit', mas é mais maciozinho.

INQ2 Cheire, cheire.

INF Olhe, isto é monstraste. Também há aí muito aí à nossa porta.

Código de identificação do ficheiro: FIG03-N	
Localidade: Assanhas (Figueiró da Serra) Distrito: Guarda	Concelho: Celorico da Beira Data: 1997
Informante1: Arnaldina Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade: Nunca foi à escola
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: 03 lado: B min: 426-441	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Tipo de texto: Interactivo	Assunto: Ervas, arbustos e flores
Tipo de transcrição: Normalizada	
Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira	Data da primeira transcrição: Nov.01
Autor da revisão final: Maria Lobo/ Ana Maria Martins	Data da revisão final: Jul.02
CD nº: 14 faixa: 03	

INQ1 Olhe e este que está aqui na minha mão... Já agora, isto escusa de estar aqui...

INF Olhe, isto é orvalho.

INQ2 Diga?

INF (Isto) /Este\ é orvalho grosso.

INQ1 Chorão.

INQ2 É chorão.

INF E temos outro miudinho que também ali tenho. (...) E já tive também deste.

INQ1 Sim senhor.

INQ2 Orvalho.

INF Orvalho.

INQ2 E serve para alguma coisa, o orvalho?

INF O orvalho, não. É só para deitar flor (...) para enfeite.

INQ2 Só para enfeite?

INF É, é. (Isto) /Este\ é carvalho. (...)

INQ2 Carvalho?

INF É os carvalhos que aí temos nas moitas.

INQ2 Olhe, e como é que se chama aquela coisa que o carvalho dá, dá? Aquele fruto do carvalho?

INF Dá... É a baga. (Chama-se a) boleta.

INQ2 Boleta?

INF Boleta. (...)

INQ2 E depois também dá uma outra coisa, umas bolas...

INF Pois é as tais bolas, que é as boletas que chamamos.

INQ2 Então, mas as bole-...

INF Este é o 'bracejo'. Ou não? Não, esta é a giesta.

INQ2 Diga?

INF Estas chamamos as giestas.

INQ2 Isso serve para fazer o quê, as giestas?

INF Oh, as giestas – olhe – é para queimarmos (...) e para malhadas e para muita coisa.

INQ2 Para malhadas, para fazer o quê?

INF Malhadas aos vivos. Cortam. Cortam, (roçam-na).

INQ2 Ah! E não se usavam para fazer coanhas, não?

INF Também. Também se fazem aí (umas) coanhas.

INQ2 Ou as coanhas?...

INF As coanhas também era das giestas que se faziam.

INQ2 Era da giesta também?

INF Pois. As coanhas é da giesta.

INQ1 E o?...

INQ2 Não há mais flor?...

INF (...)

INQ1 Há mais uma. Mas a senhora falou no 'bracejo'. Como é que era?

INQ2 Como é que era o 'bracejo'?

INF O 'bracejo', olhe, eu tenho muito. (...) É uma erva que há assim miudinha,

INQ2 Fininha? Comprida.

INF fininha (...).

Código de identificação do ficheiro: FIG04-N	
Localidade: Assanhas (Figueiró da Serra) Distrito: Guarda	Concelho: Celorico da Beira Data: 1997
Informante1: Arnaldina Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade: Nunca foi à escola
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 06 lado: A min: 27-53	Inquiridor2: João Saramago
Tipo de texto: Interactivo	Assunto: Ervas, arbustos e flores
Tipo de transcrição: Normalizada	
Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira	Data da primeira transcrição: Nov.01
Autor da revisão final: Maria Lobo/ Ana Maria Martins	Data da revisão final: Jul.02
CD nº: 14 faixa: 04	

INQ1 Olhe e isto era uma erva que antigamente nas ceifas, ele estendia muito pelo centeio ou pelo trigo e...

INF Pois, chamavam ervilha. Isto é ervilha.

INQ1 Ervilha?

INF É, é.

INQ1 Mas era uma coisa que picava?

INF Picava, picava. A gente, quando havia ervilha no centeio, a gente picava-se muito nas mãos. Picava muito nas mãos à gente.

INQ2 Pois, mas eu... Eu acho que esta é mais, mais baixinha. Anda mais no chão.

INF É, é. Pois anda mais no chão. (...) Isso é tudo...

INQ1 Ervilha?

INF A ervilha estende pelo chão. E outras vezes trepava assim (...) por o centeio.

INQ1 Pelo centeio. Diga-me uma coisa...

INF Mas o que é é que se desfazia – desfazia-se bem.

INQ1 Aqui não havia nada que chamassem unhagata?

INF Ui! É o que mais havia. (...)

INQ1 Então e não era assim a unhagata, veja lá?

INF Hã... Pois é. É. Aqui esta – olhe – que é a (que) chamávamos a unhagata que nos picávamos nas mãos, quando andávamos a ceifar. Chamávamos a unhagata. Era esta, era.

INQ1 Pronto.

INF Tem aqui os bicos.

INQ1 Olhe, e esta era uma outra erva que aparecia no meio do trigo, muitas vezes...

INF Joio.

INQ1 Sim senhor. Conhece tudo!

INF Então, a gente esteve... Foi a vida da gente!

INQ1 Oh, mas quantas vezes a gente está a falar com uma senhora da sua idade que a vida dela foi toda no campo e não sabem as ervas! Os nomes das ervas.

INF Então mas (eu)... Muitas coisas (já a mim) /já me\ podem esquecer, mas outras ainda as conheço! (...)

INQ1 Sim senhora.

INF (...) Ainda conheço tudo! Então eu, graças a Deus, cultivei tanta tralha!

Código de identificação do ficheiro: FIG05-N	
Localidade: Assanhas (Figueiró da Serra) Distrito: Guarda	Concelho: Celorico da Beira Data: 1997
Informante1: Arnaldina Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade: Nunca foi à escola
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 06 lado: A min: 87-99	Inquiridor2: João Saramago
Tipo de texto: Interactivo	Assunto: Ervas, arbustos e flores
Tipo de transcrição: Normalizada	
Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira	Data da primeira transcrição: Nov.01
Autor da revisão final: Maria Lobo/ Ana Maria Martins	Data da revisão final: Jul.02
CD nº: 14 faixa: 05	

INQ1 Isso era uma seara de trigo. E depois aparecem essas...

INF Pois. É, é. Às vezes, apareciam muitas ervitas assim. A gente não (lhe) sabia, às vezes...

INQ1 Eram assim: davam uma folha, uma flor encarnada...

INF Pois, pois. Pois é.

INQ1 Se calhar aqui não há.

INF Haver, pode haver. Mas o que é que a gente, às vezes, não (lhe) lembra o...

INQ2 Pois. Mas... Papoila ou pimpoila não lhe diz nada?

INF (...) Não me lembra o nome. Não me lembra o nome dela.

INQ1 Tu viste que há bocadinho o pimpilho é o cou-, o coucilho...

INQ2 O coucilho. Não era pimpilho. Ela disse o nome...

INQ1 Eu ainda vou buscar ali o coiso.

INF 'Poipilas'.

INQ1 'Poipilas'. Exactamente.

INF Ah! 'Poipilas', isso há aí; há aí muito nas paredes; mas agora é que ainda não reventaram.

INQ1 Ah!

INF Ainda estão pequeninas. O mais deitam assim (...) uma coisa comprida (...).

INQ1 E são grossinhas?

INF Sim, sim. É, é.

Código de identificação do ficheiro: FIG06-N	
Localidade: Assanhas (Figueiró da Serra) Distrito: Guarda	Concelho: Celorico da Beira Data: 1997
Informante1: Arnaldina Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade: Nunca foi à escola
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: 06 lado: A min: 114-139	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Tipo de texto: Interactivo	Assunto: As árvores
Tipo de transcrição: Normalizada	
Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira	Data da primeira transcrição: Nov.01
Autor da revisão final: Maria Lobo/ Ana Maria Martins	Data da revisão final: Jul.02
CD nº: 14 faixa: 06	

INQ1 O que são as moitas? Dizia, olha ali...

INF As moitas é onde além há (...) os carvalhos. Chamam os carvalhos. É tudo só carvalhos. Há para ali muitas.

INQ2 E chamam moitas a isso?

INF Chamam as moitas, que era onde andávamos com as ovelhas e havia lá aquelas abrótegas, que elas gostavam muito! As ovelhas gostavam...

INQ2 Ai, as ovelhas comem?

INF As ovelhas comiam muito estas folhas da abrótega.

INQ2 Ah! Que giro!

INF (...) E depois por baixo tinham a cabeça (...)... E outras vezes iam-se até apanhar para os porcos.

INQ2 Essas cabeças, iam apanhar para os porcos?

INF Às vezes, apanhávamos para os porcos.

INQ2 Eu, por acaso, até pensava que era, que era mau, que era venenoso ou assim...

INF Não, não. Aquilo não era venenoso, não.

INQ2 Rhum-rhum.

INF Dava-se aos (vivos).

INQ2 Olhe, isto também...

INF E agora há (aí) a tal (...)... A tal boleta que dá os carvalhos até se apanhava também (...) para os porcos.

INQ2 Para os porcos. Isso sabia. Mas, olhe lá, eu há bocadinho ia-lhe a perguntar: os carvalhos não dão também assim umas bolas?

INF Dão. É as 'tales' boletas.

INQ2 Mas as boletas são compridinhas, não é?

INF Sim. (...)

INQ2 E há assim umas bolas...

INF Umas bolinhas (...) nas folhas?

INQ2 Sim.

INF Isso (...) comiam, às vezes. Até chamavam àquilo 'grães' (...) da boleta. Chamavam grão da boleta.

INQ2 Está bem. Sim senhora.

INF É. (Pois).

INQ2 Não havia aqui nada que lhe chamassem as bugalhas?

INF Ai! Isso já me ia a esquecer!

INQ2 Diga.

INF Pois, tinha muita bugalha! É, olha, agora! Pois agora... Pois, bugalhas! Era bugalhas e abrótega, assim, e bolota.

INQ2 Bolota, bugalha.

INF E bugalhas, é. É, é. Era isso que deitam os carvalhos.

INQ2 Sim senhor.

INF Pois é.

Código de identificação do ficheiro: FIG07-N	
Localidade: Assanhas (Figueiró da Serra) Distrito: Guarda	Concelho: Celorico da Beira Data: 1997
Informante1: Arnaldina Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade: Nunca foi à escola
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 06 lado: A min: 114-139	Inquiridor2:
Tipo de texto: Interactivo	Assunto: Não aplicável
Tipo de transcrição: Normalizada	
Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira	Data da primeira transcrição: Nov.01
Autor da revisão final: Maria Lobo/ Ana Maria Martins	Data da revisão final: Jul.02
CD nº: 14 faixa: 07	

INQ Desculpe lá, esta terra como é que se chama?

INF Assanhas.

INQ Assanhas?

INF Sim senhor.

INQ Não é Azenhas?

INF Não é Assanha. É Assanhas.

INQ Sim senhor.

INF Toda a vida foi Assanhas.

INQ Sim senhor.

INF Foi onde fui criada desde pequenina até agora. Olhe que, agora, (...) já estive assim umas temporadas onde está o meu filho – que me vem, às vezes, buscar –, já lá estive umas temporada. E lá há assim muita gente (...) no jardim (do) Marquês de Pombal...

INQ Sim.

INF Eu, às vezes, via lá andar assim senhoras, assim, a 'esbilrarem' as ervas. E eu punha-me assim para o meu filho: "Será que aquelas pessoas, se calhar, andam a ver se acham algumas ervinhas que são próprias (...) para chás". E ele dizia-me que sim, que eram gente que andava à cata de ervas lá no jardim (do) Marquês de Pombal. (...) E eu (...) ia muito com a minha netinha lá para o jardim das Amoreiras – a senhora é de lá, conhece tudo...

INQ Sim, sei, perfeitamente.

INF (...) Era onde o meu filho tinha uma casa. E era para onde íamos passear mais a menina era lá para o jardim das Amoreiras e para o Marquês de Pombal.

INQ Sim senhor.

INF Era onde andávamos, às vezes, a gastar o tempo.

INQ Sim senhora. Muito bem. Conhece muito bem.

INF Por acaso, tenho lá andado muita vez.

INQ Gosta de?...

INF E agora o meu filho, as que tinha lá em Lisboa, arrendou-as, e que fez uma no Estoril, no Alto do Estoril.

INQ Rhã-rhã.

INF E aí também gosto de lá estar.

INQ Também gosta de lá estar?

INF Também gosto de lá estar.

INQ Também é bonito.

INF É muito lindo. O Estoril é muito lindo,

INQ É muito bonito, é!

INF por acaso! E agora ele (...) quer-me vir buscar para o Natal.

INQ Pois, vá. Vá lá passar o Natal.

INF (...) Vou lá passar o Natal. Olhe, tenho ali um em Gouveia e tenho (...) dois netos em Coimbra – uma neta e um neto. O ano passado passei com eles. (...) Agora este ano vou passar com o outro.

INQ Com o outro, pois claro. Para ser com um...

INF Só tenho os dois. E eu gosto de os honrar, tanto a um como ao outro.

INQ Claro.

INF É. É assim.

Código de identificação do ficheiro: FIG08-N	
Localidade: Assanhas (Figueiró da Serra) Distrito: Guarda	Concelho: Celorico da Beira Data: 1997
Informante1: Arnaldina Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade: Nunca foi à escola
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 06 lado: A min: 217-226	Inquiridor2: João Saramago
Tipo de texto: Interactivo	Assunto: Ervas, arbustos e flores
Tipo de transcrição: Normalizada	
Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira	Data da primeira transcrição: Nov.01
Autor da revisão final: Maria Lobo/ Ana Maria Martins	Data da revisão final: Jul.02
CD nº: 14 faixa: 08	

INF (As moitas).

INQ1 E que até costumam queimar quando é no São João?

INF Ah! Bela-luz! E 'romaninhos'.

INQ1 Isso.

INF "Rosmaninhos" é que é. Olhe que são estes.

INQ2 Como é que chama?

INF 'Romaninhos'.

INQ1 E bela, e be-, bela-luz também?

INF E a bela-luz. Chamávamos... Isso íamos buscar tudo, para os defumadoiros, dia de São João e dia de São Pedro. Fazíamos aí umas fogueiras quando éramos moças novas!

INQ1 E era defuma-... Chamava-lhe a isso os defumadoiros?

INF E depois punham ali umas fogueiras aos largos e depois a gente salvava aquilo, dizia que era para se defumar.

INQ1 Muito bem. Fazia bem?

INF Fazia bem. Que era o defumadoiro do São João e do São Pedro.

INQ Sim senhor.

INF Era, era.

Código de identificação do ficheiro: FIG09-N	
Localidade: Assanhas (Figueiró da Serra) Distrito: Guarda	Concelho: Celorico da Beira Data: 1997
Informante1: Arnaldina Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade: Nunca foi à escola
Informante2: Balbina Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 06 lado: A min: 230-256	Inquiridor2: João Saramago
Tipo de texto: Interactivo	Assunto: Ervas, arbustos e flores
Tipo de transcrição: Normalizada	
Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira	Data da primeira transcrição: Nov.01
Autor da revisão final: Maria Lobo/ Ana Maria Martins	Data da revisão final: Jul.02
CD nº: 14 faixa: 09	

INF1 O alecrim também é bom para chá.

INQ1 E ... faziam como? Com os defumadoiros não punham alecrim, não?

INF1 Põe... O alecrim, fazem-se defumadoiros quando está trovoada. Mas levamos... Dia de Ramos, levávamos à igreja loureiro e alecrim. E depois temos para todo o ano – as cruzes! Ainda tenho as cruzes...

INQ1 Pois, pois.

INF1 Olhe, ainda aqui tenho as cruzes. A cruzinha, não sei onde é que eu a pus. (...) Olhe, (tem) /até aqui a fazer uma cruzinha (...) de loureiro e de oliveira e de alecrim. E depois pomos (...) Dia três de Maio, pomos 'asquelas' cruzinhas nas casas, que depois diz que faz bem às trovoadas. Quando está a trovejar muito, nós fazemos (e) pomos isto nas brasas.

INQ1 E isso é dia?...

INF1 A fazer fumo que faz bem (...) aos relâmpagos e às trovoadas.

INQ1 Mas essas cruzinhas punham em que dia?

INF1 Pomos no dia três de Maio

INQ1 Três de Maio. Porquê?

INF – é que pomos nas casas.

INQ1 Mas dia três de Maio é dia de algum santo?

INF1 (...) Dia três de Maio

INQ1 Ai, treze!

INF1 (chamavam o) /chamavam-no\ dia de Santa Cruz.

INQ2 Três.

INF1 No dia três de Maio, chamamos nós o dia de Santa Cruz.

INQ1 Ah!

INF1 E depois era o dia que púnhamos as cruzinhas (...)... Até as íamos pôr às searas do pão e tudo!

INQ1 Sim senhora! Já ouvi falar disso.

INF1 Pois, pois. O loureiro e a oliveira e o alecrim.

INQ1 E porque?...

INF1 Levávamos isso tudo, dia de Ramos, no domingo de Ramos, à igreja. Íamos à missa. Levávamos 'asqueles' molhinhos – e ainda agora levam – e depois trazemos (...) e temos então lá em casa... Quando as trovoadas (.../VB) assim (que) está muito a trovejar – aquelas trovoadas muito fortes –, (irmos) /imos\ fazer um defumadoirinho, na cozinha, na lareira. Com aquele fumo, diz que arrama a trovoada. (Era cá assim).

INQ1 Sim senhora.

INF2 Toda a vida assim fazíamos.

Código de identificação do ficheiro: FIG10-N	
Localidade: Assanhas (Figueiró da Serra) Distrito: Guarda	Concelho: Celorico da Beira Data: 1997
Informante1: Arnaldina Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade: Nunca foi à escola
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: 06 lado: A min: 262-266	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Tipo de texto: Interactivo	Assunto: Ervas
Tipo de transcrição: Normalizada	
Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira	Data da primeira transcrição: Nov.01
Autor da revisão final: Maria Lobo/ Ana Maria Martins	Data da revisão final: Jul.02
CD nº: 14 faixa: 10	

INF Não me está a lembrar qual era a ervinha que pomos na roupa.

INQ1 Alfazema não, não usava cá?

INF A alfazema também a cá usou. Também se cá usa, mas agora (...) não sei dizer qual é esta.

INQ1 E usa alfazema para quê?

INF Hã?

INQ1 A alfazema usa para quê?

INF Olhe, agora também

INQ2 Não sabe?

INF já não me lembra.

INQ2 Pois.

INF Já não me lembra. É. Também as coisas (que) /se\ passa muito tempo...

Código de identificação do ficheiro: FIG11-N	
Localidade: Assanhas (Figueiró da Serra) Distrito: Guarda	Concelho: Celorico da Beira Data: 1997
Informante1: Arnaldina Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade: Nunca foi à escola
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 06 lado: A min: 289-295	Inquiridor2:
Tipo de texto: Interactivo	Assunto: Produtos não cultivados usados na alimentação
Tipo de transcrição: Normalizada Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo/ Ana Maria Martins CD nº: 14 faixa: 11	Data da primeira transcrição: Nov.01 Data da revisão final: Jul.02

INF É. Chamávamos tortulhos dos lobos.

INQ Mas, diga-me uma coisa: os tortulhos dos lobos não é uns que, que dão assim uma, uma, parece uma, uma bola?

INF É, é.

INQ E que depois dá-se um pontapé e aquilo sai muito, tudo...

INF Fumo. É, é. É.

INQ Isso é que é os tortulhos dos...

INF (...) Dos lobos. Chamamos os tortulhos dos lobos e das raposas.

INQ E, olhe lá, e essas coisas são perigosas porquê?

INF Porque são venenosos. (...) Dizem que são venenosos.

INQ Sim senhor.

INF Olhe, além agora, quando andava a gente às castanhas, era o que mais lá aparecia, que eu lhe dava pontapés. É, é.

Código de identificação do ficheiro: FIG12-N	
Localidade: Assanhas (Figueiró da Serra) Distrito: Guarda	Concelho: Celorico da Beira Data: 1997
Informante1: Arnaldina Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade: Nunca foi à escola
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 06 lado: A min: 319-326	Inquiridor2:
Tipo de texto: Interactivo	Assunto: Ervas, arbustos e flores
Tipo de transcrição: Normalizada	
Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira	Data da primeira transcrição: Nov.01
Autor da revisão final: Maria Lobo/ Ana Maria Martins	Data da revisão final: Jul.02
CD nº: 14 faixa: 12	

INF Olhe, aqui é o fêvão.

INQ É o?...

INF Aqui são fêvãos. Olhe, aqui são fêvãos. Isso, ele há cá muito – os fêvãos.

INQ E... É uma coisa que é parecida com o fêvão, mas que é mais nos poços que aparece?

INF Ah, isso é o fêvão-real.

INQ Fêvão-real, também?

INF Pois. É (o) fêvão-real, que há ali pelos ribeiros.

INQ Sim senhor.

INF Que (é) esse é que dizem que é bom para... O fêvão-real é bom (...) até para que matar as moscas. Às vezes, vai a gente lá buscar, que (...) dizem que pôr assim (...)

INQ Na casa?

INF nas casas que faz bem.

INQ Afasta as, as moscas.

INF É, que afastam as moscas.

Código de identificação do ficheiro: FIG13-N	
Localidade: Assanhas (Figueiró da Serra) Distrito: Guarda	Concelho: Celorico da Beira Data: 1997
Informante1: Arnaldina Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade: Nunca foi à escola
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 06 lado: A min: 385-393	Inquiridor2:
Tipo de texto: Interactivo	Assunto: Ervas, arbustos e flores
Tipo de transcrição: Normalizada	
Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira	Data da primeira transcrição: Nov.01
Autor da revisão final: Maria Lobo/ Ana Maria Martins	Data da revisão final: Jul.02
CD nº: 14 faixa: 13	

INQ E dá o quê? Como é que se chama aquela coisa que ela dá?

INF Isto aqui são... Chamam (...) os goivos. Chamamos os goivos (...) da palma.

INQ O quê?

INF Os goivos da palma.

INQ Os goivos?

INF Sim.

INQ Mas come-se aquilo cá ou não?

INF Dizem que comem. Mas eu ainda nunca apliquei nada daquilo para mim.

INQ Sim senhor.

INF É como digo: essas palmeiras, (...) ainda há pouco para cá (as) trouxeram. E dizem... (Têm) /Tem\ passado aí gente que dizem que faz bem à bronquite o chá (...) da folha da palmeira.

INQ Ah! Não sabia.

INF Diz que faz bem à bronquite (...) e às constipações, e assim. Mas, olhe, eu também ainda não experimentei.

INQ Sim senhor.

INF Ainda não experimentei. Faço assim chás, quando assim é que estou constipada, mas assim, com mel e assim, mas...

Código de identificação do ficheiro: FIG14-N	
Localidade: Assanhas (Figueiró da Serra) Distrito: Guarda	Concelho: Celorico da Beira Data: 1997
Informante1: Arnaldina Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade: Nunca foi à escola
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 06 lado: A min: 404-417	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Tipo de texto: Interactivo	Assunto: Ervas, arbustos e flores
Tipo de transcrição: Normalizada	
Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira	Data da primeira transcrição: Nov.01
Autor da revisão final: Maria Lobo/ Ana Maria Martins	Data da revisão final: Jul.02
CD nº: 14 faixa: 14	

INQI E uma ou-, uma outra chamada gilbardeira ou gil-?...

INF Ah! Isso é uma 'agibreira'.

INQI Uma?...

INF Uma 'agibreira'.

INQI 'Agibreira'?! Como é?...

INF Sim. É (...) que também tem a folha que pica.

INQI Sim.

INF Também temos uma numa fazenda nossa, lá na serra.

INQI E dá o quê? Dá bagas ou não?

INF Também dá. No tempo, também dava baga.

INQI Baga quê?... De que cor?

INF Assim umas bagazinhas... Mas aqui (nós, a gente)...

INQI Escuras? Umas bagas escuras?

INF Escuras, mas nós não ligávamos àquilo.

INQI 'Agibreira'?

INF Era uma 'agibreira'. (...)

INQI É o zimbro, vais ver.

INF (...) E tinha muito bico.

INQI Muito bico, assim compridos.

INF Pica, as folhas. As folhas.

INQI As folhas é que picavam?

INF Picavam, (é). (...)

INQ1 Então, diga-me lá: essa agi-...

INF (...) E é muito assim pretinha e faz-se uma árvore grande.

INQ1 É. 'Agibreira'.

INF É. Temos nós uma numa fazenda... Agora já não é minha, mas era do meu pai.

INQ1 Sim senhora. 'Agibreira'. Sim senhora.

INF É. (...) Também lá temos uma 'agibreira'. Está lá acima no alto.

INQ2 E a cor do fruto qual é?

INF (Até) /Então\ ele deitava assim umas bagazitas, mas ninguém ligava...

INQ2 Mas vermelho ou preto ou?...

INF Eram assim umas bagazinhas pretas, mas ninguém ligava àquilo.

INQ1 Ninguém ligava àquilo?

INF Não, não.

INQ1 Sim senhor.

INF Porque (...) aquilo, as folhas nem lá ia... Ninguém pegava àquilo, que era que picava muito.

INQ1 Rhã-rhã.

INF Servia só para feito e para sombra.

Código de identificação do ficheiro: FIG15-N	
Localidade: Assanhas (Figueiró da Serra) Distrito: Guarda	Concelho: Celorico da Beira Data: 1997
Informante1: Arnaldina Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade: Nunca foi à escola
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 06 lado: B min: 50-59	Inquiridor2: João Saramago
Tipo de texto: Interactivo	Assunto: Ervas, arbustos e flores
Tipo de transcrição: Normalizada	
Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira	Data da primeira transcrição: Nov.01
Autor da revisão final: Maria Lobo/ Ana Maria Martins	Data da revisão final: Jul.02
CD nº: 14 faixa: 15	

INQ1 Madressilva, não?

INF A madressilva?

INQ1 Há alguma coisa aqui que se chame madressilva?

INF Também. Também cá há. Madressilva, também há, aí pelos ribeiros.

INQ1 Ah!

INQ2 Cheira bem?

INF Cheira. A madressilva, até dizem que... Até ia a gente buscá-la também quando (...) faz um golpe. A folha também faz bem a... Diz que cura os golpes.

INQ1 Ah!

INF Chamamos (...)

INQ1 Como a celidónia?

INF a madressilva. Como a celidónia, é.

Código de identificação do ficheiro: FIG16-N	
Localidade: Assanhas (Figueiró da Serra) Distrito: Guarda	Concelho: Celorico da Beira Data: 1997
Informante1: Arnaldina Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade: Nunca foi à escola
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 06 lado: B min: 240-250	Inquiridor2:
Tipo de texto: Interactivo	Assunto: As árvores
Tipo de transcrição: Normalizada	
Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira	Data da primeira transcrição: Nov.01
Autor da revisão final: Maria Lobo/ Ana Maria Martins	Data da revisão final: Jul.02
CD nº: 14 faixa: 16	

INQ E faziam alguma coisa com a, a, a madeira do amieiro, antigamente?

INF Então, as madeiras do amieiro até servem (...) para estas mobílias que têm... É. Dizem que é a madeira mais boa. (...) Lá a madeira do amieiro, dizem que é uma madeira mais fina,

INQ Sim senhor. Ah!

INF com que fazem as mobílias.

INQ Aqui nunca... Antigamente não se faziam tamancos?

INF Hã?

INQ Tamancos, para os pés?

INF Tamancos, faziam. Paus dos tamancos. Então, eu ainda os usei!

INQ E era com madeira de amieiro ou não?

INF Ai! Muitas vezes, comprava a gente aqueles paus e pregavam-se os tamancos. Assim, uns sapatos velhos que a gente tinha, e depois pregavam-se naqueles paus. Era.

INQ Sim senhora.

INF Também diziam que eram de amieiro. Também.

Código de identificação do ficheiro: FIG17-N	
Localidade: Assanhas (Figueiró da Serra) Distrito: Guarda	Concelho: Celorico da Beira Data: 1997
Informante1: Arnaldina Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade: Nunca foi à escola
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 06 lado: B min: 275-280	Inquiridor2:
Tipo de texto: Interactivo	Assunto: Ervas, arbustos e flores
Tipo de transcrição: Normalizada Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo/ Ana Maria Martins CD nº: 14 faixa: 17	Data da primeira transcrição: Nov.01 Data da revisão final: Jul.02

INQ Mas não é isso que são a moita? Não faz... Não diz que faz uma moita?

INF Não, não. Isso não é moita. Isso são giestais.

INQ Giestais ou silvados.

INF É. Giestais, giestais é que criam muito as silvas (pelo) /por o\ meio. É. E sargaços. É. (...) É o que aí há por esses montes. É a mais que (...) agora se cria...

INQ Pois.

INF É o que mais se agora cria é... E também (...) o tal 'bracejo'.

Código de identificação do ficheiro: FIG18-N	
Localidade: Assanhas (Figueiró da Serra) Distrito: Guarda	Concelho: Celorico da Beira Data: 1997
Informante1: Arnaldina Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade: Nunca foi à escola
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 06 lado: B min: 288-313	Inquiridor2: João Saramago
Tipo de texto: Interactivo	Assunto: Não aplicável
Tipo de transcrição: Normalizada	
Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo/ Ana Maria Martins CD nº: 14 faixa: 18	Data da primeira transcrição: Nov.01 Data da revisão final: Jul.02

INQ1 E nasceu aqui?

INF Nasci aqui. (...) Criei-me cá (...) até agora. (Já) tenho ido assim por visita, (assim) é só agora mais os filhos que me têm levado. O mais, nunca ia assim para lado... Nunca fui para lado nenhum, nem para o estrangeiro nem para nada. Os filhos...

INQ1 E esta?...

INF Os meus filhos já foram. Olhe, (...) já estiveram em Londres, já estiveram em Lisboa, já estiveram na França. E eu,

INQ1 Nunca saiu de cá.

INF eu tenho as sobrinhas... Olhe, tenho sobrinhas na América, tenho outro no França, tenho-os na Suíça, tenho família em todo o lado.

INQ1 Sim senhor. Mas a senhora tem estado sempre aqui?

INF Eu tenho estado sempre aqui.

INQ1 E esta sua terra chama-se?

INF Assanhas.

INQ1 Assanhas.

INQ2 Foi à escola?

INQ1 Andou na escola?

INF Nunca andei na escola. (Só) /Se\ sei a letra redonda toda, foi o meu pai – quando (eu) era ainda novinha – que ainda me ensinou a letra que sei. Que naquela altura não havia escola aqui.

INQ1 Pois.

INF (...) Nem aqui nem na freguesia.

INQ1 Pois.

INF (...) Eu mais os meus irmãos que são da minha idade – que já morreram – não aprendemos a ler.

INQ1 Pois.

INF Agora, (de ao) depois (...), daí em diante, os mais novos, então, já houve escola, já aprenderam.

INQ1 Já aprenderam.

INF E os meus filhos, eu já os mandei ensinar bem,

INQ1 Claro.

INF porque já havia escolas.

INQ1 Claro.

INF Mas olhe que iam daqui para Linhares a pé. E levavam a merendinha para comerem lá. E agora só cá há dois alunos – que até são dois irmãos... Olhe, vêm cá buscá-los de carro e vêm-nos cá pôr. Vê as regalias que agora há, à vista de quando nós fomos criados?

INQ1 Ah! É diferente! Então não é?!

INF Eu não tive escola, que não aprendi nada. Só (...) o que sei, foi o meu pai que Deus haja que ainda me ensinou, que me dava umas lições todos os dias.

INQ1 Sim senhora. Foi bom!

INF (...) Ainda aquase que (eu) 'sube' fazer o meu nome, mas depois esqueci-me.

INQ1 Pois.

INF Porque depois comecei a ter lida e não liguei.

INQ1 Claro.

INF Mas os meus filhos, graças a Deus, (eu)...

INQ1 Andaram a estudar.

Código de identificação do ficheiro: FIG19-N	
Localidade: Figueiró da Serra Distrito: Guarda	Concelho: Celorico da Beira Data: 1997
Informante1: Anúplio Idade: 81	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 07 lado: A min: 302-320	Inquiridor2: João Saramago
Tipo de texto: Interactivo	Assunto: O vinho
Tipo de transcrição: Normalizada	
Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira	Data da primeira transcrição: Nov.01
Autor da revisão final: Maria Lobo/ Ana Maria Martins	Data da revisão final: Jul.02
CD nº: 14 faixa: 19	

INF Até há uma coisa que aqui pouco usavam fazer que era o arrobe.

INQ1 E o que era o arrobe?

INF Isso aí talvez não saibam.

INQ1 Não sei não.

INQ2 Também não. Estou a ouvir pela primeira vez.

INF O arrobe era, por exemplo: o vinho em mostro e enchia-se meia caldeira – dessas caldeiras de cobre – de vinho e depois punha-se a ferver. Fervia, fervia, fervia...

INQ1 Ao lume?

INF Ao lume. Ficava ali – sei lá! – até ficar uma pequena coisa. Depois ficava... Quando já era pouca coisa, ficava tal e qual preso como o mel. E isso era daqui!

INQ2 Mas isso... Usava-se para quê?

INF Era para quê? Aquilo faça de contas que era o mel.

INQ2 Mas punha no pão para comer ou era só para?...

INF Para se pôr no pão e para se tomar até em jejum. Porque isso era um fortificante para uma pessoa que andasse coisa, tomar uma colher de...

INQ2 Que andasse constipado e isso?

INF Aquilo era...

INQ2 Arrobe?

INF Arrobe.

INQ2 Nunca, não... Nunca, nunca tinha ouvido falar nisso.

INF Pois é.

INQ2 Mas é com o vinho em mostro?

INF Com o vinho em mostro. (Tanto) que havia pessoas (...) que lhe crescia um bocado de vinho...

INQ2 Pois, pois.

INF Não venhas para aqui fazer barulho, (vai lá para dentro).

INQ2 Deixe estar, deixe estar. Deixe estar, não faz mal.

INQ1 Pode estar aqui.

INF Ou, então, estás caladinha.

INQ1 Não, não pode é estar a falar muito porque senão fica na gravação.

INF De forma que, (porque se lhe) crescia o vinho, e então pegavam e zás, faziam o arrobe.

INQ2 Sim senhor. Era muito que ficava!

INF Isso era uma coisa muito boa!

Código de identificação do ficheiro: FIG20-N	
Localidade: Figueiró da Serra Distrito: Guarda	Concelho: Celorico da Beira Data: 1997
Informante1: Anúplio Idade: 81	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: 07 lado: B min: 315-322	Inquiridor2:
Tipo de texto: Interactivo	Assunto: O lenhador e o forno de carvão
Tipo de transcrição: Normalizada Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo/ Ana Maria Martins CD nº: 14 faixa: 20	Data da primeira transcrição: Nov.01 Data da revisão final: Jul.02

INQ E como é que se fazia essa?...

INF Bem, eu nunca trabalhei nisso.

INQ Sim, mas o senhor diz que viu.

INF Mas eu sei como é que é feita.

INQ Pois, é isso que interessa.

INF É feita uma cova. Depois, dali, é feita uma fogueira. Põem-lhe as cepas tudo em cima. Põem-lhe em cima a arder e fica ali quanto tempo a arder. No final de aquilo estar tudo ardido, em brasa, escolhem um bocado de terra fina, põem-lhe primeiro umas ramagens por cima, e depois tapam com terra fina, porque, se for grossa, o calor vem-se embora (...) e depois arde. Depois, quando vão à procura dele, já lá não está.

Código de identificação do ficheiro: FIG21-N	
Localidade: Figueiró da Serra Distrito: Guarda	Concelho: Celorico da Beira Data: 1997
Informante1: Artemisa Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante2: Anúplio Idade: 81	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 07 lado: B min: 363-367	Inquiridor2: João Saramago
Tipo de texto: Interactivo	Assunto: A horta
Tipo de transcrição: Normalizada	
Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira	Data da primeira transcrição: Nov.01
Autor da revisão final: Maria Lobo/ Ana Maria Martins	Data da revisão final: Jul.02
CD nº: 14 faixa: 21	

INQ1 Nunca chama couve? Chama sempre hortaliça? Caldo, também não se chama caldo?

INF1 Chama.

INF2 (Chama, sim,) /Chama-se aã a isso.

INF1 (Também), aqui nós, também é de toda a maneira.

INF2 Aqui na coisa é hortaliça. É assim: "(...) Vamos (...) à horta". (Na) horta, (há) hortaliça e couves.

INF1 ("Vamos à horta, apanhar hortaliça ou assim").

INF2 As couves, (diz, olha, assim)... Às vezes, diz assim: "(Olha), a horta minha... A horta minha, a branca está boa, a galega também está boa! E os repolhos e coisa"!

INQ2 Sim senhor. E na horta...

Código de identificação do ficheiro: FIG22-N	
Localidade: Figueiró da Serra Distrito: Guarda	Concelho: Celorico da Beira Data: 1997
Informante1: Anúplio Idade: 81	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Artemisa Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 08 lado: B min: 124-131	Inquiridor2: João Saramago
Tipo de texto: Interactivo	Assunto: Ofícios e profissões
Tipo de transcrição: Normalizada Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo/ Ana Maria Martins CD nº: 14 faixa: 22	Data da primeira transcrição: Nov.01 Data da revisão final: Jul.02

INF1 (...) Hoje já nem há carpinteiros nem há nada.

INF2 Não há nada. Agora já não há (cá) nada.

INQ1 Não há? Carpinteiro?

INF2 Não.

INF1 Ninguém aprende nada.

INQ1 Cá já não há nenhum carpinteiro?

INF2 Oh! (...) Está tudo velho!

INF1 (...) Estavam (aí dois), (...) já estão mui velhotes, já não... Dois irmãos, (que) já estão velhotes, já não... Hoje ninguém aprende uma arte, ninguém aprende nada.

INQ2 Rhum-rhum.

INF Eh! Chegam a pontos não há quem faça um...: pegue num martelo (a) pregar um prego ou que saiba pregar uma tábua. Ainda o que vale é estas coisas das máquinas. É o que tem valido.

INQ1 Pois, pois.

INF1 (...) Para as terras e tudo. (Se) /Que\ não fosse as máquinas, estava tudo desgraçado.

INQ1 Pois.

Código de identificação do ficheiro: FIG23-N	
Localidade: Figueiró da Serra Distrito: Guarda	Concelho: Celorico da Beira Data: 1997
Informante1: Ascensão Idade: 67	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: 08 lado: B min: 323-339	Inquiridor2:
Tipo de texto: Interactivo	Assunto: O moinho
Tipo de transcrição: Normalizada	
Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira	Data da primeira transcrição: Nov.01
Autor da revisão final: Maria Lobo/ Ana Maria Martins	Data da revisão final: Jul.02
CD nº: 14 faixa: 23	

INF E depois bate no rodízio.

INQ Sim senhor.

INF Mas agora o rodízio está estragado, não tem penas. Se o meu filho a não compuser, não se pode... – a mó não anda já.

INQ Mas a senhora não está a moer, agora?

INF Anda. Até já anda. Até gostava que o senhor lá fosse para ver.

INQ Está bem. A gente, à ida para baixo, pode ver.

INF Podemos ver.

INQ Portanto, tem o rodízio e por baixo do rodízio, as penas?...

INF É as penas. (...)

INQ E a da .()2.2(p)-.1(o)-.11(r)-.(1(n)TJ 21()11()11()11()11(.1(n)-.(p)-.1(o)-.-.11()é1.1 Td ()1.2.2(p)-(p)-.1(o)-.

INF (...) É a agulha.

INQ É a agulha. E em cima, como é que regula essa agulha?

INF E em cima (...) chamamos aquilo uma porca – onde se alevanta a mó, (...) se quer abaixar ou alevantar.

INQ É como se fosse uma espécie dum parafuso?

INF É. Sim.

INQ É isso?

INF É isso tudo.

INQ Sim senhor. E agora, por cima da maçã do, do rodízio, como é que se chama aquele pauzinho mais estreito?

INF Por cima da maçã do rodízio, é (...) o lobete.

INQ E depois, o lobete, encaixa uma peça em ferro?...

INF É. (...) É a segurelha.

INQ Mas o, o...

INF (...) Ainda está o veio.

INQ Sim senhor.

INF É o veio.

INQ E a segurelha...

INF É o veio. Sabes o que é, Aristófanes? (...) Eu explico aos meus filhos tudo isto, mas eles não ligam nada. Se não sendo este, (eu) já lhe digo, senhor, (...) eles não ligam nada.

INQ Sim senhor.

Código de identificação do ficheiro: FIG24-N	
Localidade: Figueiró da Serra Distrito: Guarda	Concelho: Celorico da Beira Data: 1997
Informante1: Ascensão Idade: 67	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante2: Aparício Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: 08 lado: B min: 344-410	Inquiridor2:
Tipo de texto: Interactivo	Assunto: O moinho
Tipo de transcrição: Normalizada	
Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira	Data da primeira transcrição: Nov.01
Autor da revisão final: Maria Lobo/ Ana Maria Martins	Data da revisão final: Jul.02
CD nº: 14 faixa: 24	

INQ Em cima, o moinho tem duas, tem dois pisos, tem dois andares. Onde sai...

INF1 Pois é. É a mó e o pé.

INQ Exacto.

INF1 (...) E depois (...) para andar a mó, tem que estar (...) a segurelha (de) cima do pé.

INQ Exacto. Sim senhor.

INF1 E depois onde segura a segurelha (...), chamam aquilo o veio.

INQ Rhum-rhum.

INF1 É um veio.

INQ Sim senhora.

INF1 (...) E depois o veio tem que segurar (...) no lobete, (...) naquele 'caixito' (...) – que tens que me lá ajeitar.

INQ Está bem. E aquela caixa onde a senhora põe o grão?

INF1 A moega.

INQ E da moega...

INF1 E depois da moega para baixo tem (...) a caneleira. (...)

INQ A caneleira que deixa cair o grão aonde?

INF1 Depois é que tem o chamadouro (...) para puxar o grão da caneleira para cima da mó.

INQ O chamadouro é um pauzinho que fica a bater, é isso?

INF1 É. Já viu? Eu trago-a a andar. Eu já vou para baixo, se quiser ver.

INQ E, e na mó, a senho-... A senhora chama mó ou pedra? Aqui qual é o nome que se dá mais?

INF1 Nós, é a mó.

INQ É a mó.

INF1 É a mó.

INQ E a de cima, a que anda?

INF1 A de cima é a mó e por baixo é o pé.

INQ É o pé. E à volta do pé e da mó não havia uma, uma armação que era para o, para a farinha não, não sair para os lados?

INF1 Ah, pois, é isso. Mas eu agora, senhor, não tenho ninguém. É este filho meu.

INQ Sim.

INF1 E agora todo o Verão a mó parou. E eu agora até já lá fui buscar (lá) /além\ um bocadito de cimento (...) para lhe tapar os buracos, para não ir a farinha (...) para o (...) cabouco.

INQ E... Para o cabouco? Então, o que era o cabouco?

INF1 Olhe, já me lembra uma vez... Lembra? – este senhor. Trazia a mó a andar e (...) quando lá cheguei, três alqueires de pão, quarenta quilos, estavam (tudo) /todos\ na levada. Não tinha nada.

INF2 (...) Estava tudo na levada, foi. Na levada. Na levada.

INQ Pois.

INF1 Foi-me tudo (...) para o cabouco. Eu acabo com aquilo.

INQ O que era o cabouco? Diga, diga-me só o que é o cabouco.

INF1 O cabouco é onde sai a água. Chamam nós aquilo o cabouco.

INF2 (...)

INQ Sim senhor.

INF1 Sabe o que é? É o que é, o cabouco.

INQ É isso. E aquele buraquinho da mó onde cai o f-, a farinha? Dá-lhe algum nome?

INF2 (Tremonhado).

INF1 Não. Aquilo (...) é o buraco da mó.

INQ Há o buraco.

INF1 Pois.

INQ E depois aquele sítio onde cai a farinha em baixo?

INF1 (...) Não é o tremonhado?

INQ E à frente não costumava pôr um pano ou uma coisa assim?

INF1 Está lá. O panal.

INQ Como é que cha-... É o panal. Sim senhora.

INF1 Vê que sabe tudo?!

INQ Não. Eu quero saber é os nomes. Não, não, não, não.

INF1 O senhor também já viu alguma... Ou algum.

INQ Mas eu queria-lhe perguntar...

INF1 Ele sabe tudo!

INQ Da levada... A levada é aquilo que traz a água directamente da ribeira ou a senhora não fazia uma parede na, n-, na ribeira para...

INF1 Tem que estar. O ano passado quando veio este nevão grande cá, para aqui, (...) caiu lá muita neve em cima dos salgueiros que lá estavam, aquilo baixou. E a levada depois... E depois ainda disseram que (criasse) /quisesse\ aquilo encanado, mas não há ninguém quem faça nada e acaba com o (produto). Vão acabar com tudo.

INQ Havia alguma coisa que chamasse aqui a açuda?

INF1 É, pois. É o açude.

INQ É o açude?

INF1 É a nossa açude, mas é ao cimo.

INQ É ao cimo da levada?

INF1 É ao cimo da levada. Ao cimo é que é o açude, onde se tapa a água da ribeira. Em (primeira) /primeiro\ havia guarda-rios; agora, se temos governo, não há.

INQ Sim senhor.

INF1 Eu só queria que o governador viesse ao pé de mim.

INQ Que era para lhe dizer umas coisas, não era?

INF1 Era, era. Só queria. Ó senhor, eu não sei nadinha! Sou uma parvita que estou aqui nesta área. Mas já tenho

INQ Não é nada parvita...

INF1 sessenta e sete anos mas olhe que digo-lhe eu: se temos governo, não é para todos.

INQ Diga-me o seu nome e a sua idade, que já que disse...

INF1 Eu já tenho sessenta e sete anos.

INQ E o seu nome?

INF1 E o meu nome é Ascensão.

INQ E é sempre de... E é de cá? Sempre trabalhou por cá? E sempre no moinho?

INF1 Olhe, eu (...) tenho pena em aqui estar.

INQ Rhum-rhum.

INF1 Tenho dois filhos na França e eu, se estivesse boa, (é que ele) /aquele\ hoje estava ao pé deles, não estava aqui.

INQ Pois.

INF1 Se não fosse este filho meu,

INF2 (Está melhor a gente aqui).

INQ Também.

INF1 eu já tinha até desertado, nem estaria cá neste lugar, aqui onde estou, senhor.

INQ Sim senhor. E depois a senhora estava a falar na levada e depois falou-me na cal-, cala?

INF1 Pois. É. Em cima é a açude, que vem pela ribeira abaixo e tapa-se a açude.

INQ Sim.

INF1 E depois vem a levada toda. Uma comparação: aqui é a açude.

INQ Sim, sim, sim.

INF1 E vai a levada até além àquela mata.

INQ É.

INF1 E depois além é que vem a levada e a água encaixa na cale.

INQ Na cale. E aquela parte mais apertada da cale onde, por onde sai a água mais apertada?

INF1 É o fecho.

INQ O?...

INF1 O fecho.

INQ Fecho. E depois quando a senhora quer...

INF1 (...) É (...) uma chave que tem.

INQ É uma chave? Que é para, para parar de moer?

INF1 (...) Uma chave que a gente alarga-a, vai – sei lá o quê – (...) por aquela coisa.

INQ Sim.

INF2 (...)

INF1 E a gente quer só aquela média para não vir muita água na levada.

INQ Isso chama-se a chave?

INF1 É.

INQ Fica na ponta da cale?

INF1 É.

INQ É?

INF1 É a que fica na ponta da cale – que está lá tudo!

INQ Sim senhor. E depois...

INF1 E é a única que está aqui. E eu... Olhe, de tanto moinho, tanto moinho que aqui houve por a ribeira acima (...) e o único é o meu. E eu digo (cá) aos meus filhos: não queria que deixassem... Olhe, senhor, eu vim aqui para esta quinta, paguei juros de dinheiro para a comprar. E depois (...) eu tive um vício no moinho que eu disse ao meu homem: fiquei com aquilo, e agora, os meus filhos, nenhum liga àquilo e eu tenho pena.

INQ Pois. Era bom. Mas o que...

INF1 Tenho pena, tenho.

INQ Mas eu queria-lhe perguntar era se a senho-...

INF1 Digo-lhe eu: (...) aquilo (...) não vale nada, (...) mas nem que me dêem o que me derem... Já houve... Tenho um genro meu que disse-me: "Olha, se quiseres vender o moinho, dá a quem dê cem contos".

INQ Rhum-rhum.

INF1 Eu vendia-o.

INQ Pois.

INF1 Mas eu, por causa deste filho meu, é que não o vendo. Digo-lhe na cara dele. Senão eu vendia tudo o que aqui tenho.

INQ Mas a senhora quando...

INF1 (...) E ia servir para o Porto ou para onde calhar.

INF2 Oh, pá! (.../VB) daqui para fora.

INQ Pois. Como é que a senhora desvia a água quando não quer moer?

INF1 Quando não quero moer, tiro a água fora da cale.

INQ E como é que tira?

INF1 Está lá ao lado, logo.

INQ Mas como é?... O que é que lá põe para, para, para a água?...

INF1 Ponho lá (...) em cima (...) uma lata

INF2 (...)

INQ Uma lata?

INF1 à boca da cale e boto-a fora (...) da levada para não me dar cabo do rodízio. Senão, sempre a água a bater no rodízio, dá-me cabo daquilo.

INQ E dava algum nome àquela mó, que era para moer a farinha de trigo?

INF1 É a alveira.

INQ Rhum-rhum. Era... Sim senhor.

INF1 É a que tenho estragada hoje. (...) Se este ma não compuser, eu acabo também com ele, com o moinho.

INF2 (...) E hoje... E a outra é a borneira.

INQ É a?...

INF1 A borneira.

INQ Qual é para o cent-?...

INF1 A borneira... (...) Até, Aristófanes, podes-lhe mostrar. Na borneira, senhor, eu tenho uma senhora em Linhares que é prima minha – que é a cabeleireira lá de Linhares –, que coze o pão para aquela gente mais coisa de Celorico.

INQ Rhum-rhum.

INF1 Querem tudo negro. Diz ela: para comerem (...) branco, comem do padeiro.

INF2 É mais sadio. (O pão é mais sadio).

INQ Pois. Mas a borneira é para o centeio, não é para o trigo?

INF1 É. (...) Pão centeio, só, puro.

INQ Pão de centeio. É isso... Isso é a mó, é a borneira.

INF2 (...)

INF1 Pão centeio puro.

INQ E a alveira é só para o trigo?

INF1 É para o de trigo e papas e pão alveiro.

INQ Rhã-rhã.

INF1 Quem quer branco.

INQ Sim senhor. E à, às duas mós aqui chamava-se um casal ou não?

INF1 Era, sim senhor.

INQ Como é que chamava?

INF1 O casal. (...) Bem, mesmo assim, é um casal. É a borneira e a alveira. É o casal que a gente tem. É o que eu tenho só.

INQ É o casal. Portanto, a senhora quantos casais tem ali no moinho?

INF1 Só um.

INQ Só um.

INF1 É o alveiro e a borneira.

INQ O alveiro e a borneira. Sim senhor.

INF1 Mais nada.

INQ Está bem. Então arranje-se e a gente vai falando pelo caminho abaixo.

Código de identificação do ficheiro: FIG25-N	
Localidade: Figueiró da Serra Distrito: Guarda	Concelho: Celorico da Beira Data: 1997
Informante1: Ascensão Idade: 67	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante2: Aristófanês Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: 09 lado: A min: 55-128	Inquiridor2:
Tipo de texto: Interactivo	Assunto: A farinha: panificação
Tipo de transcrição: Normalizada	
Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira	Data da primeira transcrição: Nov.01
Autor da revisão final: Maria Lobo/ Ana Maria Martins	Data da revisão final: Jul.02
CD nº: 14 faixa: 25	

INF1 E tanta coisa que aí há (...) para se cozer o pão: a pá, o rodo para se puxar o borralho!

INQ E mais? Vai-me dizendo as coisas que é preciso.

INF1 Então?! Vá lá. Já não há mais nada. É o rodo só e a pá.

INQ Pois, mas senhora Ascensão, eu trazia a farinha do seu moinho. O que é que eu tinha que fazer?

INF1 Peneirá-la com a peneira que está ali.

INQ E em cima de quê é que peneirava? Não se punha um...

INF1 Uma masseira e uma cernideira.

INQ Diga: e uma?...

INF1 Cernideira.

INQ Sim senhor. E depois quando, quantos... O que é que caía para a masseira?

INF1 A farinha. Então o que é que (ele) há-de ser?

INQ E o que é que ficava dentro da... O que é que ficava dentro...

INF1 O farelo.

INQ O?...

INF1 Farelo.

INQ Sim senhor. E isso era no, no centeio, no pão?

INF1 Pois.

INQ E se fosse no trigo, não se peneirava mais uma vez?

INF1 O trigo também... (...) É mais o farelo e depois ficava o rolão, que faziam, às vezes, 'asquelas' bolas de rolão.

INQ Rhã-rhã. Sim senhor. O... Depois, então, eu tinha a farinha e depois o que é que eu tinha que fazer?

Já falou na masseira... Depois o que é que acontecia?

INF1 E depois a gente tinha que amassar o pão.

INQ Sim senhora. E?...

INF2 (...)

INF1 Oh! Tanta coisa! Então eles não sabem o que é isso?

INQ Não, mas eu quero saber os nomes que a senhora dá. Por exemplo, a cernideira, eu não conhecia o nome. Mas...

INF1 Oi! Tanta coisa! É preciso muita coisa, Aristófanes!

INQ Mas... Portanto, a senhora põe... O que é que lhe punha para, para o pão crescer, para a farinha crescer?

INF1 O fermento.

INQ Rhum-rhum. E...

INF1 E o fermento e (é) depois (...) é o sal, e uma coisa, e tanta água. Então, não é preciso tanta coisa?! Oh!

INQ Sim senhora. E depois como é que... E depois quando estava a fazer com os punhos assim na masseira dizia que estava a quê?

INF2 Amassar o pão.

INF1 Amassá-lo, pois.

INQ E depois ao fim, o que é que ficava lá?

INF1 Então (e) não sabem o que é isso?

INQ Não. E depois ao fim, o que é que ficava? Já, já na masseira a crescer? Dizia que estava a quê?

INF2 (...) Estava (...) a fintar.

INF1 (Então, pois claro). Então eles não sabem o que é?

INQ Diga?

INF1 Olha, estão agora aí a chatear tanto a gente!

INQ Não. Ó senhora Ascensão, eu queria saber era os nomes que se dão cá. Está a perceber?

INF1 Ui! Tanta coisa! É do princípio ao fim.

INQ Do princípio ao fim.

INF1 Tanta coisa! Então, a gente... É preciso sal, a água morna para se amassar o pão, o fermento. E depois a gente deita-lhe a farinha por cima para se fintar; depois estar ali tanto tempo. O panal (...)... E depois deita-se-lhe (...) o farelo por cima... Então que é isso?

INF2 (...)

INQ Punha-se-lhe o farelo por cima também, era?

INF1 (...) Para a massa não arrefecer.

INQ Ah! E o panal também punha por cima?

INF1 Pois, pois. E o panal por cima.

INF2 (...)

INF1 Haviam de cá vir era um dia que eu cozesse o pão, que estivessem a ver logo, do princípio ao fim.

INQ E depois, portanto, quando a massa já estava quê? Quando já estava pronta, dizia-se: "Olha, a massa já está"?...

INF1 Já está e vai-se tender.

INQ Já está quê?

INF1 Tender. E já está finta.

INQ Rhum-rhum. Vai-se tender.

INF1 Vai-se tender para se meter o pão no forno.

INQ E como é que a senhora tendia?

INF1 Cortava-se às peçazitas. Aquela massa muita que a gente tem na masseira, cortava-se às peças para se pôr (...) no tabuleiro e para se meter no forno.

INQ Sim senhor. E no tabuleiro não havia uma espécie dum lençol ou não sei o quê...

INF1 Pois. É o panal.

INQ É o panal também?

INF1 É (o) que a gente (...) cobre o pão quando fica na masseira

INQ Pois.

INF1 com o farelo. E depois tira-se aquele farelo e tudo. O panal depois estende-se no tabuleiro e depois põe-se o pão.

INQ E punha com quê? Como é que punha o pão para o forno?

INF1 Como é que o punha? É assim às peçazinhas pequenas.

INQ Não era só... Mas é em cima de quê?

INF1 Do tal panal e no tabuleiro.

INF2 (Ai, meu Deus).

INQ Sim. E depois quando ele já estava no tabuleiro para ir para dentro do forno, onde é que a senhora?...

INF1 Com a pá.

INQ Com a pá. Mas, antes de, quando estava a aquecer o forno, não tinha um pau que era para espalhar as brasas?

INF1 Pois era o tal rodo que a gente espalha aquilo.

INQ Espalhava e depois puxava... O rodo também era para puxar as, as brasas...

INF1 As brasas. Pois.

INQ E para lim-... E para limpar o chão não punha um, um pau com um pano molhado, ou não sei quê?...

INF1 (...) É o vassoiro.

INQ O vassoiro era quê? Era com um pano ou era com, com umas?...

INF1 Quem quer é com um pano, quem não quer é com uma giesta.

INQ Rhã-rhã.

INF1 Com o pano, eu aqui no meu forno não dá, porque o pano molhado estoira (...) o tijolo.

INQ Ah! Pois, estou a perceber.

INF1 E com a giesta (...), pronto, é melhor! Não aquece tanto aquela telha por baixo e não me estoira tanto (...)
aquele tijolo. Pronto.

INQ Sim senhora. E dava algum nome àquele pão pequenino que, às vezes, se fazia mais achatadinho?

INF1 Bola. A bolita. É uma bolita.

Código de identificação do ficheiro: FIG26-N	
Localidade: Figueiró da Serra Distrito: Guarda	Concelho: Celorico da Beira Data: 1997
Informante1: Ascensão Idade: 67	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: 09 lado: A min: 135-158	Inquiridor2:
Tipo de texto: Interactivo	Assunto: A farinha: moinho e panificação
Tipo de transcrição: Normalizada	
Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira	Data da primeira transcrição: Nov.01
Autor da revisão final: Maria Lobo/ Ana Maria Martins	Data da revisão final: Jul.02
CD nº: 14 faixa: 26	

INF E a quinta aqui, para ganhar um alqueire (...)

INQ Abra, abra o seu chapéu...

INF de grão, que tempo eu (...) não venho?! (...) 'Ques' dias não é preciso aqui vir (...) para tirar um litro em cada taleigo?!

INQ Um taleigo era, era quanto?

INF Um alqueire ou dois. Agora já nem (aí) dão só um alqueire ou dois, mas dão já mais. Mas isto não dá para nada!

INQ Pois.

INF Depois a gente fica aí com o grão... Andamos aqui a trabalhar para quê?

INQ E aquela quantidade que a senhora tira para si, como paga, do grão, como é que se chamava? Aquilo que a senhora fica para...

INF Era a maquia.

INQ Era a maquia.

INF Era a maquia. Mas eu agora só tenho as galinhas e depois já não trato tanto o milho para lhe dar... Ao menos ainda vou ganhando (...) para os (vivos).

INQ Pois.

INF Para as galinhas.

INQ Olhe, po-, po-, ponha, ponha-se aqui debaixo, senão...

INF O mais (...) já não dá para nada. Já lhe digo: já não dá para nada. Isto não dá para nada. (...) A gente, se ganhar meia dúzia de alqueires, fico com eles aí ao fim do ano. Ao fim do ano está tudo cheio de bicho.

INQ Pois é.

INF Ninguém o quer. Então para que é que a gente há-de andar nisto?

INQ Pois é.

INF Agora vêm estes padeiros por aí, já não querem do pão dos moinhos, que é negro.

INQ Rhum-rhum.

INF A gente andar aí a ganhá-lo todo o Inverno para depois ficar aí (...) no Verão todo cheio de bicho...

Ninguém o quer... Pronto! Eu, um dia, ainda disse (aló) /alá\ a uns padeiros em primeiro ainda o trocavam, agora dizem que o nosso grão daqui que é miúdo, que só para ração, que não presta.

INQ Rhã-rhã.

INF Então, eu agora fiquei ainda com algum; está todo cheio de bicho!...

Código de identificação do ficheiro: FIG27-N	
Localidade: Figueiró da Serra Distrito: Guarda	Concelho: Celorico da Beira Data: 1997
Informante1: Ascensão Idade: 67	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante2: Aparício Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: 09 lado: A min: 162-236	Inquiridor2:
Tipo de texto: Interactivo	Assunto: A agricultura - preparação do terreno; panificação
Tipo de transcrição: Normalizada Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo/ Ana Maria Martins CD nº: 14 faixa: 27	Data da primeira transcrição: Nov.01 Data da revisão final: Jul.02

INF1 Ora veja, isto aqui por aí afora, estes lameiros aqui por aí afora, que era tudo cultivado! E agora não há aí ninguém! (...) Ora veja como está aí tudo!

INF2 (Era tudo, tudo, tudo cultivado – aqui)!

INQ Está tudo abandonado, não é?

INF1 É. E qualquer dia é só, olhe, carvalhos ou pinheiros ou giestas.

INF2 É, é. Vai ser uma segunda Angola, vai. Pessoal não há, os novos também (já não estão para aturar coisas)...

INF1 Então, pois não estão para estarem a aturar isto.

INF2 (...) Anda a estudar muita malta, aqui, a estudar.

INF1 Oh! Então!

INF2 É tudo a estudar, tudo a estudar.

INF1 É estudar, é! (Não) /Ele\ haviam de dar mas era uma enxada para irem para a serra cavar alqueves!

INF2 É, é.

INF1 Não era estudar (...) para (...)

INQ Pois.

INF1 estarem assentados! O trabalho que há-de fazer um, estão ali uma dúzia deles!

INQ Rhã-rhã.

INF2 Quer passar por lá (para ver)?

INF1 Ele vamos embora! (...) Se lá (queres) /quisesses\ ir ver...

INQ Não, não vou, não vou. Não é preciso ir ao moinho. Não, não, obrigado.

INF1 Não? Vamos embora, então. Vamos.

INF2 (...)

INQ Obrigado. Olhe, ó senhora Ascensão, diga-me o que eram... A senhora disse: "Haviam de andar por lá a cavar o alqueve". O que era o alqueve?

INF1 A fazer alqueves, a cavar estas terras todas.

INF2 Onde semeavam o centeio.

INQ Mas eram terras que esta-...

INF2 (...)

INF1 Ah! Isto é que haviam de vir para aí! (...)

INQ Pois. Era, era cava-... O alqueve era preparar a terra para semear o centeio, era?

INF1 (...) Pois. Então pois não era?! A gente, ora veja, neste bocado aqui, que é uma comparação, se a gente ia aqui deitar pão, sem o cavarem, (...)

INF2 Pois é.

INF1 não dava nada.

INQ Rhã-rhã.

INF2 Era preciso cavar (a terra).

INF1 Olhe, o nosso governo (não) havia de cá vir!

INF2 (...) E depois (eram estrançados outra vez)...

INF1 Quem cá viesse, olhe...

INF2 E depois é que eram semeados. Levavam três voltas, (senhor).

INF1 Senhor, eu já lhe digo

INQ Pois, mas o alqueve... Diga.

INF1 uma coisa. (...) Eu já não sou garota, mas o nosso governo havia de vir aqui a estas serras. Em primeiro era tudo habitado e agora está tudo aí desgraçado.

INF2 Está aí é tudo fechado. E cai tudo!

INF1 Viessem fazer alqueve para aí!

INQ Pois. Mas o alqueve era feito com a enxada ou era feito com o arado?

INF1 Com o arado. Mas era preciso também quem tocasse.

INF2 E muitos à enxada, muitos à enxada. A gente depois cavava lá acima (...) aqueles prados velhinhos – e aqui, de (manhã), (lá acima) à enxada.

INQ Rhã-rhã.

INF1 Então!

INF2 (...) Oh!

INF1 Ora veja, olhe!

INQ Mas, o alqueve e a decrua era a mesma coisa?

INF1 Olhe que terrinhas aqui e era tudo tão bom! Deitava aí (...) tanto feijão, batatas e tudo, e agora está aí tudo assim desgraçado.

INQ Pois. O alqueve e a decrua era a mesma coisa, senhor Aparício?

INF2 É sim. É sim. (...)

INF1 Não. (...)

INF2 Primeiro, (...) o alqueve fazia isto que era (como), depois era estravessar de Verão, estravessar.

INF1 Depois de semeá-lo.

INF2 (...) Depois semear outra vez.

INQ Sim senhor.

INF2 Aquilo levava três voltas ao todo.

INF1 E agora está aí tudo! Olhe, olhe por aí acima. (...) Vem o fogo, o que é que aqui fica?

INF2 Ah pois!

INF1 Só pedra. O mais o que é que cá ficam? O nosso governo (...) dá trabalhos a quem? (Ao menos) que (os nos) mande para aqui, para fazer alqueve! – para a serra! Então não era?!

INF2 (...)

INQ Acho que se ajudassem... Se há tanto desemprego podiam vir fazer alqueve para aí para ter grão, não é?

INF1 Então, não era?! Às vezes, estão ali às dúzias (...) num lugar só, e (...) coisas que se podiam fazer (aí) dois ou três... E porque não estão lá só dois ou três e está lá uma dúzia deles?! A fazer o quê?!

INF2 (...) Já têm reduzido muita malta. (...)

INF1 Ah! À sombra é só para não fazerem nada!

INF2 (...)

INF1 Oh! E a gente anda aqui a trabalhar, a tratar batatas para as vender aquase dadas. (...)

INQ É. Ó senhora Ascensão, eu queria-lhe perguntar só uma coisa do pão que me esqueci. A parte de baixo do pão, como é que chama?

INF1 O lar.

INQ E a parte de cima, de fora?

INF1 É o côdea, por cima.

INQ E por, e por dentro o que é que tem?

INF1 Por dentro, é o miolo.

INF2 O miolo.

INQ E quando eu vou começar um pão, a primeira fatia que a senhora tira com a, com a faca, como é que chama?

INF2 (...)

INF1 A borda.

INF2 (...)

INQ Hã?

INF1 É a borda.

INQ E a costaneira é a mesma coisa?

INF1 Pois. É o mesmo. Tanto faz ser a borda como a costaneira. "Toma uma borda. Se não tens dentes, olha"...

INQ E a seguir...

INF1 É para se casar primeiro, diz que é quem comer a borda!

INF2 É, é.

INQ E a seguir, e qual era a outra que eu cortava, era uma?...

INF1 (...) Depois era a que lhe calhava.

INQ Não, mas a primeira é a borda. E a segunda? Já não é a borda?

INF1 Pois. Depois já era a fátiga.

INQ Diga?

INF2 (Já é fátiga, já é fátiga).

INF1 Depois já era uma fátiga.

INQ Sim senhor. E...

INF1 Mas a borda, nós, às vezes, costumamos a dizer: "Toma para te casares mais depressa! Toma a borda"!

INF2 É, é.

INQ E se eu cortasse assim com a mão um bocado e lhe desse o que é que eu lhe estava a dar?

INF2 (Era parti-lo ao murro).

INF1 Então, era parti-lo a murro.

INQ Dava-lhe um quê? Não era um murro que eu lhe dava...

INF1 Era parti-lo a murro, mas não era a dar-lhe (um) murro à pessoa.

INQ Pois.

INF2 Já não era fatia, já era um bocado.

INQ Era um bocado?

INF1 Pois.

INQ Diga?

INF1 Era um bocado, pois. Era a parti-lo a murro.

INF2 (...)

INQ Sim senhor. E quando eu corto com a faca aquilo que cai para cima da m-, da, da mesa?

INF1 Miolo. (...) É miolitos.

INF2 Miolas. É as miolas.

INQ As miolas?

INF1 Pois, que é o miolo.

INQ O miolo ou miolas?

INF1 É miolitos. É. São miolitos que, às vezes, caem.

INQ E a senhora disse...

INF1 Ah! Então e não sabem isso o que é?!

INQ Pois. O forno aqui, to-, as to-, as pessoas todas tinham um forno ou havia um, um forno que pertencia a vários?

INF1 Não. Às vezes, uma pessoa tinha um forno e iam lá cozer meia dúzia delas, não era?

INQ Ah! E não pagavam nada a essa pessoa do forno? Ela emprestava?

INF1 Não. Não. Então a gente emprestava-o.

INF2 (...) Nesta povoação havia dois, (além). Havia dois que (...) tiravam a poia.

INQ Ah! Era isso.

INF2 Havia dois na povoação que tiravam a poia.

INF1 Mas nós aqui não. (...) Até eu lá acima tinha um fornito. Se o senhor lá quisesse ir cozer: "Olhe, eu queria cozer amanhã". "Está bem. Coze aquando quiseres".

INQ Mas a poia, como é que era então, senhor Aparício?

INF2 Tiravam pão.

INQ Mas a... Quem, quem é que cozia? Era as pes-, as próprias pessoas ou havia uma pessoa?...

INF1 Não. Mas nessa altura que davam a poia, nem davam lenha quem ia cozer o pão, (...) nem aqueciam o forno.

INF2 Pois. Pois não.

INQ Rhã-rhã. Então como é que se chamava a pessoa que estava aí à frente do forno?

INF1 Forneira.

INQ Diga.

INF1 Forneira.

INQ E também... E a forneira é que tinha que dar a lenha?

INF2 É, é. A lenha, e é que cozia.

INF1 Era. Dava a lenha e tinha o trabalho.

INF2 A gente só lá ia levá-lo. (...)

INF1 A gente só lá ia levá-lo e trazia-o cozido.

Código de identificação do ficheiro: FIG28-N	
Localidade: Figueiró da Serra Distrito: Guarda	Concelho: Celorico da Beira Data: 1997
Informante1: Ascensão Idade: 67	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Cassete nº: 09 lado: A min: 241-254	Inquiridor2:
Tipo de texto: Interactivo	Assunto: A farinha: panificação
Tipo de transcrição: Normalizada	
Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira	Data da primeira transcrição: Nov.01
Autor da revisão final: Maria Lobo/ Ana Maria Martins	Data da revisão final: Jul.02
CD nº: 14 faixa: 28	

INQ E o seu... O seu forno, por exemplo, qua-, qua-, qual é a quantidade que pode pôr lá, no seu forno?

INF (...) É aí oito pãezitos só.

INQ Oito?

INF Oito, sim.

INQ Oito, quê?

INF Oito pães!

INQ Rhã-rhã.

INF Oito pães. Não é grande. É pequenino. É só para particular. É só para mim.

INQ Pois, pois.

INF Não é? (...) Eu não o quero lá grande, porque ele também leva muita lenha (...) e não o quero grande. Para quê?

INQ Pois. E... Há bocadinho eu tinha perguntado e a senhora não conseguiu dizer o nome. A que... A que é que se chamava a massa? A massa do pão? É aquilo que já está depois de estar amassado?

INF Pois, é a massa. É a massa do pão.

INQ Sim senhor. E aqui ao fermento, nunca se lembra de chamar o crescento, não?

INF Não. Nós, é só o fermento.

INQ Pois. E agora os homens que vêm vender aí o pão pela aldeia, como é que se chamam? São?...

INF Padeiros. Agora aqui a Figueiró vem um (...) de Melo, vem outro (...) da Guarda. Vêm lá da casa do diabo, da Carrapichana... E aqui, a gente, os moinhos, tem que os fechar! Tudo aí está parado (...)

INQ Sim senhor.

INF e já não querem o pão negro!

Código de identificação do ficheiro: FIG29-N	
Localidade: Figueiró da Serra Distrito: Guarda	Concelho: Celorico da Beira Data: 1997
Informante1: Apeles Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: 09 lado: A min: 256-270	Inquiridor2:
Tipo de texto: Interactivo	Assunto: As alfaias agrícolas
Tipo de transcrição: Normalizada	
Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira	Data da primeira transcrição: Nov.01
Autor da revisão final: Maria Lobo/ Ana Maria Martins	Data da revisão final: Jul.02
CD nº: 14 faixa: 29	

INQ Anticamente... Eu sei que há uma coisa que no arado se chamava a, a 'cega' – ou a sega?

INF A sega.

INQ É.

INF É aquele ferro (...) que lhe punham (...)... Mas isso era mais (...) para os arados de pau.

INQ Pois.

INF Para os arados de pau, porque os de ferro (...) não precisavam disso.

INQ Rhum-rhum. Nos arados de pau! Mas havia só um arado com a sega ou era mesmo no arado que tinha a relha e isso tudo, à frente tinha uma sega... Era isso?

INF Era.

INQ Não era só...

INF A sega, (...) só lha punham quando era preciso. (...)

INQ Ah! Portanto, o tamão tinha um buraco onde se punha essa...

INF O tamão tinha um buraco e depois tinha um ferro, uma espécie (...) dum punhal

INQ Rhum-rhum.

INF que enfiavam ali naquela parte. Por cima, tinha um buraco, seguravam-no ali que era para cortar certos terrenos.

INQ Pois, quando o terreno era... Ou mais duro...

INF (...) Mais duro e que tinha, às vezes, até matos e coisas para ajudar!

INQ É que eu não sabia é se era uma, uma espécie dum arado que só tivesse sega, não tivesse mais nada.

Não?

INF Não, não.

INQ A sega era...

INF Não era (o) /um\ arado.

INQ No de pau?

INF No de pau. E a sega só era posta para terrenos que eram precisos.

INQ Rhum-rhum. Não sabia.

INF Ou, por exemplo, que tinha muito estrume, façamos de contas.

INQ Sim senhor.

INF E depois punham-lhe a sega porque sempre cortava mais (...) para se cortar o terreno.

Código de identificação do ficheiro: FIG30-N	
Localidade: Figueiró da Serra Distrito: Guarda	Concelho: Celorico da Beira Data: 1997
Informante1: Apeles Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: 09 lado: A min: 309-345	Inquiridor2:
Tipo de texto: Interactivo	Assunto: O ferreiro
Tipo de transcrição: Normalizada	
Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira	Data da primeira transcrição: Nov.01
Autor da revisão final: Maria Lobo/ Ana Maria Martins	Data da revisão final: Jul.02
CD nº: 14 faixa: 30	

INQ O ferreiro, ele quando batia no ferro, quando queria bater o ferro, tinha uma, um pau com um ferro para cima, que era para poder bater no ferro, não é?

INF Um pau, não. Era um martelo.

INQ Sim. Mas batia em cima de quê? Onde é que ele punha o ferro?

INF O cavalete. O cavalete.

INQ E como é que?... Que forma é que tinha esse cavalete? Veja lá se o senhor se lembra.

INF Eu tenho – até para lhe dizer –, devo ter o cavalete melhor que pode aqui haver na redondeza.

INQ Rhum-rhum.

INF O que eu não tenho é aqui.

INQ Pois. Mas portanto...

INF Tenho aqui na quintazinha em cima.

INQ Rhum-rhum. Era um pau redondo em baixo? Não?

INF Não!

INQ Como é que era, então?

INF O cavalete (...) é uma bigorna – por exemplo, desta largura, não é? –,

INQ Rhum-rhum.

INF dum lado, fazia uma parte redondo e doutro lado ficava em quina, para (avivar), assim em bico.

INQ Em quina? Rhum-rhum.

INF (Porque) havia lugares que tinha que se bater

INQ Du-... Pois.

INF duma maneira... Da parte redonda, para se arredondar qualquer peça que seja preciso.

INQ Mas o... O senhor falou na bigorna. A bigorna era aquela parte, aquela parte de ferro, que ficava em cima do cavalete, era?

INF Sim. A bigorna é uma peça mais pequena. Mas é também... É uma bigorna, pronto.

INQ Sim.

INF Espécie do cavalete. Mas o cavalete é o que é pesado, uma coisa (...) fixa...

INQ Rhã-rhã.

INF Porque no tempo dos ferreiros, que se faziam as enxadas, às vezes, eram três martelos, três tipos, e aquilo era preciso também saber,

INQ Claro.

INF conforme vinha dali para fazer a têmpera, porque (...) não havia as soldas como hoje há, nem (os aços). Era parte em ferro e parte (...) em aço. Depois aquilo, dali era caldeado. Era o mestre com um martelinho a compor e eram dois martelos: tãe-tãe, tãe-tãe-tãe, tãe-tãe-tãe! Aquilo faziam ali uma música!

INQ Mas aqueles... Aqueles grandes com que eles batiam o ferro, como é que chamava?

INF Era espécie de martelões. (...) É martelo de ferreiro.

INQ Martelo de ferreiro.

INF Martelão de ferreiro.

INQ Martelão.

INF Martelão de ferreiro.

INQ Eu só... Eu só não percebi, o cavalete também tinha aquela parte em ferro para cima?

INF Pois.

INQ Só que era maior do que a bigorna?

INF Pois.

INQ Era isso? Mas...

INF (...) O cavalete, bem, o que eu lá tenho, tem, por exemplo, esta altura – daqui da mesa assim (em cima).

INQ Sim.

INF Pois. Pesa aí uns duzentos quilos.

INQ Mas a diferença do, do cavalete para a bigorna é que a bigorna era mais pequena.

INF A bigorna é uma coisinha mais leve

INQ Mais leve.

INF que se transporta para qualquer lugar e serve (...) para o latoeiro, serve para o ferreiro, serve para coiso.

INQ Rhum-rhum. Mas o...

INF Até para esses caldeireiros que andam aí por as ruas... Também trazem uma bigorna.

INQ Qual é a diferença do latoeiro e do caldeireiro?

INF Bem, a diferença ainda (...) é muita.

INQ Diga... O que é que um faz e que é que o outro faz?

INF O caldeireiro é o que faz caldeiros, cântaros e essas coisas assim.

INQ Rhum-rhum.

INF E, praticamente, o latoeiro é o que trabalha nos metais amarelos.

INQ Rhum-rhum. Sim senhor.

INF Que é o (...) que faz alambiques,

INQ Por exemplo, se fosse... Ah!

INF que faz (regadeiras) que faz todas essas coisas. É isso que o senhor aí tem?

Código de identificação do ficheiro: FIG31-N	
Localidade: Figueiró da Serra Distrito: Guarda	Concelho: Celorico da Beira Data: 1997
Informante1: Apeles Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: 09 lado: B min: 332-338	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Tipo de texto: Interactivo	Assunto: Os animais bravios
Tipo de transcrição: Normalizada	
Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira	Data da primeira transcrição: Nov.01
Autor da revisão final: Maria Lobo/ Ana Maria Martins	Data da revisão final: Jul.02
CD nº: 14 faixa: 31	

INQ1 Aquela parte...

INF Andava a apanhar castanhas, no ano passado, eu e um neto e um filho. Vem um tocado, lá de mais de cima da serra, um porco bravo, passa por meio de... Passou pertinho de mim e eu ao pé (...) dele...

INQ2 Que susto!

INF (Ai, Jesus!) Se nos apanha na frente, levávamos com ele.

INQ2 Claro!

INQ1 Levava à frente! Pois.

INQ2 Eles ainda... Ainda são perigosos, não são?

INF (Como)! Aquilo são!... Bem, eles não atacam...

INQ2 Eles fogem das pessoas?

INF Eles não atacam ninguém.

INQ2 Mas se, se se visse apertado...

INF Mas quando se vêem atacados, defendem-se.

INQ1 Defendem-se.

Código de identificação do ficheiro: FIG32-N	
Localidade: Figueiró da Serra Distrito: Guarda	Concelho: Celorico da Beira Data: 1997
Informante1: Apeles Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: 10 lado: A min: 21-42	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Tipo de texto: Interactivo	Assunto: As aves
Tipo de transcrição: Normalizada	
Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira	Data da primeira transcrição: Nov.01
Autor da revisão final: Maria Lobo/ Ana Maria Martins	Data da revisão final: Jul.02
CD nº: 14 faixa: 32	

INQ1 E um que se põe de pé na árvore e que com o bico...

INF É o papa-formigas.

INQ2 Rhum-rhum.

INQ1 Hum...

INF Não é bem o papa-formigas, ele tem outro nome.

INQ2 É aquele que está sempre... Mas aqui chamam papa-formigas? Está assim sempre a bater na madeira?

INF Ele está assim, está a bater na madeira que é para a formiga saltar. Depois estende a língua e elas apanham-no e ele pumba!

INQ1 Rhum-rhum.

INQ2 Sim senhor.

INF Que batem na madeira que é para a formiga...

INQ1 Portanto, é um assim?

INF É mais ou menos. É isso, mas...

INQ1 Pois. Não há nada que chame aqui o pe-, ou peto ou pa-, picapau? Não?

INF É o picapau, isso mesmo. É isso mesmo. É o picapau.

INQ1 Mas é... Mas aqui também chama papa-formigas ou não?

INF Não.

INQ1 Não? Papa-formigas é outra coisa.

INF (...) Papa-formigas, damos-lhe nós o nome porque...

INQ2 Mas é este?

INF Eu, por exemplo, sei. Sei que é isso.

INQ2 Mas é a este que dão o nome de papa-formigas?

INF Sim, sim. É o picapau.

INQ2 A nós... A nós interessa-nos mais saber como é que se chama aqui. O picapau é o nome

INQ1 Que há por todo o lado, não é.

INQ2 que vem nos livros e isso. Agora aqui é papa-formigas.

INF Pois. Não, nós aqui não lhe damos nome (...)... Damos-lhe (o) nome de picapau. Eu é que digo que é o papa-formigas porque tenho conhecimento disso.

INQ2 Ah!

INQ1 Ah!

Código de identificação do ficheiro: FIG33-N	
Localidade: Figueiró da Serra Distrito: Guarda	Concelho: Celorico da Beira Data: 1997
Informante1: Apeles Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: 10 lado: A min: 85-94	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Tipo de texto: Interactivo	Assunto: As aves
Tipo de transcrição: Normalizada	
Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira	Data da primeira transcrição: Nov.01
Autor da revisão final: Maria Lobo/ Ana Maria Martins	Data da revisão final: Jul.02
CD nº: 14 faixa: 33	

INQ1 Olhe, no, no café onde a gente foi, estava lá um empalhado que é assim um muito, muito grande, que tem duas orelhinhas, estava assim com as asas abertas...

INF Hum...

INQ2 Parece um mocho também mas é muito grande.

INQ1 Maior do que o mocho.

INF Bem, ele há diversos.

INQ1 Nunca ouviu falar no bufo?

INF Do bufo?

INQ1 Diga?

INF O bufo. É uma espécie da coruja.

INQ2 Ah!

INQ1 Rhum-rhum.

INF É uma espécie da coruja.

INQ1 Como é que chamou, desculpe?

INQ2 Bufo.

INF Uma espécie da coruja, o bufo.

INQ1 Sim.

Código de identificação do ficheiro: FIG34-N	
Localidade: Figueiró da Serra Distrito: Guarda	Concelho: Celorico da Beira Data: 1997
Informante1: Apeles Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: 10 lado: A min: 101-116	Inquiridor2:
Tipo de texto: Interactivo	Assunto: As aves
Tipo de transcrição: Normalizada	
Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira	Data da primeira transcrição: Nov.01
Autor da revisão final: Maria Lobo/ Ana Maria Martins	Data da revisão final: Jul.02
CD nº: 14 faixa: 34	

INQ Mas também chama corvacho ao gavião? Não?

INF Não. O corvacho é um

INQ Pois. Que é parecido...

INF e o gavião é outro. O gavião é o que vem aos pitos.

INQ O gavião é m-, é mais pequeno ou é maior do que o, do que o peneireiro?

INF É capaz de ser... A diferença não deve ser muito grande, mas é capaz de ser maior.

INQ Rhum-rhum.

INF Porque eles, se (se) der o caso, chegam aí e apanham uma galinha pequena...

INQ Rhum-rhum.

INF Andam aí galinhas pequenas e eles fazem uma baixada e...

INQ E apanham.

INF (Quando querem)...

INQ Sim senhor.

INF Quando foi? Aqui há um tempo, lá em cima na serra sentia-se perdizes bravas e coisa. E eu passei por lá – andava à caça –, ele quando alevanta um (...)"Já andam a tirar as perdizes"! Atirei ao gavião, ao tal gavião. Quando deixou uma perdiz – já levava uma perdiz!

Código de identificação do ficheiro: FIG35-N	
Localidade: Figueiró da Serra Distrito: Guarda	Concelho: Celorico da Beira Data: 1997
Informante1: Apeles Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Aldegundes Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: 10 lado: A min: 220-246	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Tipo de texto: Interactivo	Assunto: Os insectos
Tipo de transcrição: Normalizada	
Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira	Data da primeira transcrição: Nov.01
Autor da revisão final: Maria Lobo/ Ana Maria Martins	Data da revisão final: Jul.02
CD nº: 14 faixa: 35	

INQ1 E o pequenino, que salta, que a gente tem que fazer assim, também? No cão.

INF1 (...) Também é piolho.

INQ2 Claro. Mas não tem? Já não há piolhos?

INF2 (Já não há piolhos, nem pulgas, nem nada há).

INQ1 Nem quê?

INF1 Também é piolho.

INQ1 Mas a sua senhora disse...

INF1 A pulga. É isso. Oh, isso desapareceu!

INF2 (Piolhos e pulgas). Agora não há.

INQ1 E o esca-...

INQ2 E uma outra coisa mais antiga ainda que os piolhos e as pulgas, que havia nas camas de madeira?

INF1 Percevejos. Ai! (...) Nem me diga! Olhe (...) tenho uma recordação de Guimarães... De Guimarães.

INF2 Percevejos. (Isso já não há). (...)

INQ2 Já não há? Pois. Lá para baixo também não há já.

INF2 (...)

INQ1 Rhum-rhum. Era nas camas, não é?

INQ2 (...)

INF1 (...) Vamos aqui numa excursão para Guimarães.

INQ1 Ah! Foi numa excursão?

INF1 Numa excursão. E diz-me o chofer: "Você fica na camioneta ou vai para alguma pensão"? "Não.

Quero ficar numa pensão". "Olhe, se quiser, venha para o pé de mim. Venha para a mesma pensão que não

(o) servem mal". Bem para lá fui. Nós (deitámo-nos) /deitámos\ era perto de meia-noite. Quando foi aí daí a

bocado: "Hum, que raio! Não sei que é aquilo"! Pois sim. Que resultado? Lá consegui outra vez dormir outro bocadito. Bem não, acendo a luz... Ai Jesus! Começa uma pequenita que lá tinha (...) o chofer: "Quero-me ir embora! Quero-me ir embora"! Acordou logo para ali mais gente e tudo. Eu acendo a luz, vou ver, levanto o travesseiro, vejo... Era cada um! Abri a porta e (digo): "Ó gente porca do caneco"! Abri a porta, vim-me embora cá para fora e vim-me direito à camioneta. Quando chego junto da camioneta, estavam lá mais três aqui de Ribamondego – dois irmãos, é que era –, dois irmãos, que estavam também aqui, que tinham ido em excursão... (Eu digo): "Então, vocês também já aqui"?! "Oh, deixe-nos aqui! (...)" Fomos ali para uma pensão, diz que era tão limpa e os percevejos levantavam-nos no ar. Tivemos que fugir"! "Olha, ainda bem que já não fui só eu"!

Código de identificação do ficheiro: FIG36-N	
Localidade: Figueiró da Serra Distrito: Guarda	Concelho: Celorico da Beira Data: 1997
Informante1: Apeles Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 10 lado: A min: 255-262	Inquiridor2:
Tipo de texto: Interactivo	Assunto: Os insectos
Tipo de transcrição: Normalizada	
Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira	Data da primeira transcrição: Nov.01
Autor da revisão final: Maria Lobo/ Ana Maria Martins	Data da revisão final: Jul.02
CD nº: 14 faixa: 36	

INF Nós aqui, (ele) /eu\ é a mesma coisa. Há umas abelhas pretas, isso então ainda (é) pior.

INQ É aquelas da terra, ou não? É as que fazem o ninho nas, na terra?

INF Eu sei lá onde é que elas... Não, não. Isso são os abelhões.

INQ Ai não? Ai esses são os abelhões.

INF (...) Estas abelhas pretas são perigosas.

INQ Ah!

INF Quando é nas feijocas, que a gente semeia as feijocas, tem que a gente andar a matá-las porque senão não cria nada. Comem a flor, picam a flor, e pronto, vai-se embora.

Código de identificação do ficheiro: FIG37-N	
Localidade: Figueiró da Serra Distrito: Guarda	Concelho: Celorico da Beira Data: 1997
Informante1: Aldegundes Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante2: Apeles Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: 10 lado: B min: 05-32	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Tipo de texto: Interactivo	Assunto: A agricultura: preparação do terreno
Tipo de transcrição: Normalizada	
Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira	Data da primeira transcrição: Nov.01
Autor da revisão final: Maria Lobo/ Ana Maria Martins	Data da revisão final: Jul.02
CD nº: 14 faixa: 37	

INQ1 E então, o que é o alqueve?

INF1 É semear o pão. (Lavram-se), em primeiro.

INF2 (...) Pois, o alqueve, é por exemplo... O alqueve é donde se semeia os centeios, ou às vezes milho temporão,

INQ1 Espere, espere...

INF2 ou às vezes umas batatas temporãs. Pois. De forma que primeiro, lava-se a terra, decrua-se.

INQ1 Sim. Sim.

INF2 Depois, nessa terra, se (se) pode semear temporã, umas batatas ou qualquer coisa assim, 'estravessa-se'.

INF1 (E para cebola e para feijão, para tudo).

INF2 (Quando se) 'estravessa', (por ordem) para se semear os centeios e isso, (...) deve-se fazer pelo calor, que é para aquelas ervas tudo secar. (Noutro tempo). E depois é que se semeia em Outubro.

INQ2 Mais tar-... Muito mais tarde?

INQ1 Muito mais tarde.

INF2 Em Outubro.

INF1 (É mais é no)...

INQ1 Portanto, eu, eu queria saber é, o alqueve se é o, o terreno ou se é o trabalho que se faz?

INF1 É o terreno.

INF2 É o terreno é que é o...

INF1 É que é o alqueve.

INQ2 Trabalhado daquela maneira?

INF2 Trabalhado daquela maneira.

INF1 (Com aquela maneira).

INQ2 Portanto, preparado para depois mais tarde levar o centeio?

INF2 Pois, pois.

INF1 Naquele tempo, era com (uns) /os\ arados de pau é que faziam aquele serviço. Agora (já não); é com máquinas. Agora é com máquinas.

INF2 Fazer o alqueve, o terreno... Tem que se ir fazer no terreno, não é?

INQ2 Pois, pois.

INF2 Mas o alqueve é que se vai fazer no terreno.

INQ1 Pois. Portanto, mas também nunca dizia que ia alqueivar? Ou dizia-se que ia alqueivar?

INF2 Não. (...) Vai-se fazer o alqueve, não é?

INQ1 Vai-se fazer o alqueve.

INF2 (Diz): "Olha, (...) tal dia tenho lá o lavrador para ir fazer alqueve"!

INQ1 Sim senhor.

INF1 (Mas) naquele tempo, era com (os de) pau. (...) Outros era ou (lâmina) ou... Agora (...) é com máquinas.

INF2 Para ir fazer o alqueve, quer dizer, é uma lavragem que se faz de qualquer maneira. É alqueve, pronto!